

Stadium

Benfica - F. C. Porto

As mãos de Barrigana
chegam primeiro! Arsé-
nio, vigiado por Carva-
lho, procura embaraçar,
entretanto, os movimen-
tos do portuense



N.º 226
2 DE ABRIL DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

O BENFICA consolida a posição de 2.º

Parece que a prova não se deixa afectar pelo isolamento do Sporting em 1.º

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Evoltamos ao Campeonato Nacional, após a fuga de Paris. Já dissemos, múltiplas vezes e de variadas maneiras, que os desafios internacionais cortam as competições internas e prejudicam a sua característica de regularidade, mas em compensação as suas vantagens são tão grandes que há que aceitar de boa cara os mínimos prejuízos. Lástima, verdade seja, que não tivéssemos feito na capital da França, com irradiação em todo o Mundo, uma exibição que definitivamente acreditasse o futebol português. Assim, tal como o *match* decorreu, limiámo-nos, afinal, a deixar um resultado que figurará honrosamente na História do Jogo. No ponto de vista prático — já é certamente alguma coisa. Mas nós somos, naturalmente, eternos insatisfeitos, animando-nos a ideia de fazer sempre mais e melhor.

Voltando ao tema próprio deste comentário, devemos dizer que, pelos vistos, a situação próspera em que se encontra o Sporting parece afectar o Campeonato menos do que se previa. Registaram-se na abertura da 2.ª Volta assistências razoáveis, e um dos encontros, o mais importante, teve honras de casa cheia. Por outro lado, os Concorrentes não parecem dispostos à renúncia, e cada qual lança-se na luta cada vez com mais paixão.

O primeiro lugar está perdido? — Não importa! Os *teams* encontram outros motivos (questão de classificação e velhas andanças de rivalidade!) para se comportarem com o máximo de interesse e fogaosidade. Há, acima de tudo, e honra seja para o jogador português, a tradição que representa o envolver de uma camisola.

Todos os desafios foram disputados com energia e entusiasmo, não excluindo o sentido técnico. Até nos encontros de resultado desniveado, a luta não pode dizer-se morta. Bem ao contrário, o vencido lutou, arduamente, com o fito de suplantar o vencedor.

Os jogadores individualmente considerados continuam a descrever a linha sinuosa da sua trajectória. Não se julgue tarefa fácil ler esse gráfico. Há que entrar em linha de conta com muitos elementos, e especialmente ter em vista o mérito do adversário (referimo-nos ao seu comportamento eventual).

Por todos os motivos, a 14.ª jornada do Campeonato Nacional representou uma etapa de valor no quadro geral da organização —

que um Projecto federativo pretende alterar. Verificaram-se os seguintes resultados:

Vitória S....	1	—	Vitória G....	2
Académica..	5	—	Sanjoanense	2
Benfica....	4	—	Porto.....	0
Belenenses..	1	—	Atlético....	1
Elvas.....	4	—	Olhanense..	3
Boavista....	2	—	Estoril.....	2
Sporting....	7	—	Famalicão..	3

Há resultados para todos os paladares neste conjunto. Enquanto que uns apresentam um colorido que, por normal, não chega a dar nas vistas, outros dão um pouco que cismar, confirmando o imprevisível e a falta de lógica da bola, os seus dons de suprema atracção. Estão neste último lote o triunfo de Guimarães, o empate do Atlético nas Salésias, a igualdade do Estoril no jogo contra o Boavista, e talvez a derrota dos algarvios em Elvas.

Sem dúvida, os pontos da tabela arrancados pelos de Guimarães em Setúbal não podem observar-se como um resultado accidental, mas antes deixam concluir que estamos em presença de uma equipa com personalidade. Em Setúbal, não é segredo para ninguém! qualquer equipa encontra dificuldades e os triunfos custam os olhos da cara — a imagem é empregada no bom sentido. Pois o Vitória de Guimarães não se limita a vencer, mas arranca os pontos com desembaraço e movendo-se no terreno a passos firmes e em ajustada mecânica de futebol.

Também o Atlético revela tendência para se bater, num à-vontade impressionante, com o seu rival limitrofe, o histórico Belenenses. Ha destes curiosos fenó-

menos na bola. O certo é que o Atlético arrancou um empate, merecendo (segundo unânimes relatos) ir um pouco mais além, e para lá do risco do empate há uma zona que se chama vitória.

O grupo afirmou-se de boa categoria, mais do que pelo resultado, pelo futebol que desenvolveu na relva das Salésias. Entendimmo entre as várias células e harmonia das unidades que as integram, eis a síntese do seu futebol. Pela nossa parte, não estranhemos o facto. De há muito entendemos que, uma vez encontrado o equilíbrio da equipa pelo racional aproveitamento dos seus valores, esta se afirmará como *team* de grandes recursos.

Em face do melhor futebol atlético, o Belenenses não teve uma atitude passiva. Tentou, vibrou, reagiu e teimou, mas não conseguiu mostrar-se em disposição de jogo. É certo que a defesa não deixou os seus créditos por mãos alheias. Todavia, o mau ajustamento da linha medular com a dianteira tirou à exibição belenense a característica de ataque. Como não surgiram rasgos individuais a suprir a falta de coesão, o domínio técnico do Atlético assentou arraiais no terreno.

Assim como o Atlético revela gosto de luta e *vocação* contra o Belenenses, o mesmo se dá com o Boavista relativamente ao Estoril Praia, equipa de boa carreira na Prova. Ao que parece, a chamada Sorte do Jogo inclina-se mais para uns do que para outros...

O Estoril sempre arrancou o empate 2-2, mas a verdade é que, estando a ganhar por 2-0, tal resultado não se pode considerar bom para a equipa lisboeta. Os

boavistas empataram quase no termo da partida, e os do Estoril foram feridos pela perda de uma unidade, ao meio do segundo tempo. A vantagem conseguida, e essa lesão, devem ter levado a equipa a concentrar-se na defesa, e se essa atitude é perfeitamente defensável, também se nos afigura verdadeiro que ela conduza, por vezes, a danos graves.

Qualquer das equipas jogou à base de esforços individuais, não havendo equilíbrio nos esquemas desenvolvidos. O Estoril mostrou-se conjunto mais sólido, mas é de elemental justiça assinalar que o Boavista nunca perdeu a fé nem a confiança. A perder por 2-0, como que se engrandeceu na luta.

Era esperada com expectativa a visita do Olhanense a Elvas, espichada por uma questão de rivalidade. Os elvenses, e ninguém lhes pode levar a mal a intenção, trabalham afanosamente no sentido de se transformarem no grupo de mais categoria na parte sul do país. Tinham de responder corajosamente à derrota do Estádio Padinha.

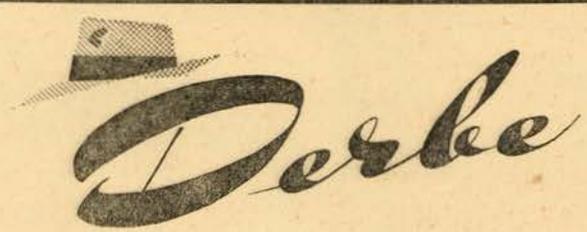
Apesar de tudo, a tarefa teve seus quês de difícil Certo, o Elvas chegou a 3-0, e o sol do triunfo começou a brilhar intensamente. Mas a reacção algarvia, forte e sólida, hábil e rápida, não se fez esperar, e os escolhidos começaram a surgir no caminho elvenses, cada qual mais imponente. Chega a parecer impossível que um *team*, nestas circunstâncias, que, de 3-0 passa a 3-3, venha no fim a perder. A verdade é que estas coisas dão-se na Bola. Também isso afirma capacidade do adversário, o qual, no momento supremo, soube encontrar e pôr na balança as forças necessárias para não se deixar ir água abaixo...

Os triunfos conseguidos pela Académica, Benfica e Sporting podem considerar-se normais, se abstrairmos dos números (caso Benfica-Porto).

A Académica esperava confiadamente a Sanjoanense, não esperando haver deixado um ponto (um pouco de oiro!) na ridente vila de S. João da Madeira. Também a Sanjoanense desceu a Coimbra resolvida a relegar para longe o plano de vítima. O desafio deverá ter contentado os dois adversários, pois qualquer deles conseguiu o seu objectivo. Um venceu bem, e o outro mostrou que era capaz de valorizar a vitória do seu simpático adversário.

Todos coincidem em que, até o limite de 2-2, os sanjoanenses constituíram uma equipa não só aguerrida como capaz de desenvolver boas triangulações. Depois, quando a Académica se colocou — para todo o sempre! — em vencedora, a equipa diminuiu-se e não há verdadeiramente que estranhar o facto. Foi enorme a influência de Bentes no desenvolvimento da partida, com as suas fugas vertiginosas e os seus golpes imprevisíveis de posição e colocação de jogo. Tal como alinhou, a Académica deu boa conta da tarefa, mostrando vivacidade e alegria de jogo.

Na jornada número catorze, o Porto sofreu uma punição que lhe chegou aos ossos. O campeão do Norte apresentou uma equipa em que os valores estão bem aproveitados, uma máquina de funcionamento regular, mas não pode exigir-se mais do que



CHAPELARIA E CAMISARIA
 AVENIDA ALMIRANTE REIS, 10-C.
 TELEFONE 4 3482 — LISBOA

NOTAS DE PARIS

o que eles podem fazer. Há que aceitá-los na sua verdadeira medida, tal qual são, ou então não os utilizar. O momento, de resto, não era propício aos portugueses. A equipa benfiquense mudara de orientação, e toda ela ardia na ideia de se mostrar digna na luta. O novo alinhamento convidava à profusão de fé: os antigos reapareceram, enquadrando-se devidamente os novos...

Entretanto, até ao intervalo houve a sensação de que o triunfo encarnado seria muito difícil. Por certo, o Benfica atacava mais, e as suas evoluções dirigiam-se nitidamente no sentido do ataque. Mesmo quando a defender-se, os benfiquenses não largavam de vista a ideia da contra-ofensiva. Os seus dois médios de ataque, principalmente, que, no desenvolvimento do match, se haviam de

A viagem de avião para Paris foi magnífica. A de regresso também, ainda que um pouco mais fatigante. Mesmo aqueles que nunca tinham voado, ao fim de meia hora, estavam habituados, e já conquistados pelo moderno meio de transporte, o mais cómodo e o

quense aumentava a olhos vistos, ao ponto de, na fase derradeira, os lisboetas jogarem à vontade — como se joga na situação de vencedor.

Sobre o desafio Sporting-Famalicão, pode dizer-se, como primeiro apontamento, que forneceu imagens vivas e animadas, algumas das quais a cargo dos visitantes. Não custa nada ver actuar uma equipa, quando ela, apesar de batida, luta e palpa, dando graça em certos golpes e união noutros. Os leões jogaram sempre no plano dos vencedores, querendo fazer pela linha rectilínea o que apenas se consegue pelo desvio do triângulo. Em qualquer dos grupos fraquejaram os conjuntos de defesa, mas é legítimo assinalar que os respectivos ataques não souberam tirar dessa

mais rápido. O nosso «Skymaster», de quatro motores, cortava o espaço, atravessando as nuvens com milagrosa facilidade...

Os primeiros momentos de voo decorreram em sossego e tranquilidade. Nem uma palavra. Aos poucos, porém, o ambiente animou-se, e o espírito moço dos jogadores tomou conta do avião, um mundo de 44 pessoas, não contando as simpáticas stewarts e a tripulação.

Começou nessa altura a rebrilhar a boa disposição do nosso amigo e bom companheiro Carlos Canuto, que, do princípio ao fim, havia de ser o elemento mais simpático e alegre da selecção portuguesa.

Canuto, no avião, não dava mostras de medo, mas apenas manifestava o receio de quem sabe perfeitamente, e com muitíssima razão, que, em terreno firme, o perigo é um pouco menor... Assim, sempre que o comandante vinha cá fora, o conhecido árbitro explodia: — Maul! Já não vou nada satisfeito!

No hotel, na piscina, nas lojas, no teatro, nos cabarets, em todos os sítios, Canuto deu uma nota de boa graça portuguesa. Dominava e divertia. Os rapazes, e todos nós, rimos com prazer muitas vezes...

Se tivéssemos a certeza de que Canuto não se zangaria — contávamos a história do teatro.

...Sucedeu que, a meio da apresentação, a vedeta, em determinado número, beijou um ou outro espectador da primeira fila.

Canuto, no meio dos jogadores, gritou: — Venha cá! Eu também quero um beijo!

— Venha cá V., respondeu a actriz.

E logo Canuto, passando as filas em ar de campeão de barreiras, subiu ao palco e fez a demonstração de que um português, para conquistar um beijo de uma mulher bonita, é capaz de todas as audácias...

Escusado será dizer que o facto foi coroado de grande ovação...

A meio do caminho, como a hora francesa anda adiantada em relação à nossa, o relógio do avião foi adiantado de sessenta minutos e todos nós fizemos o mesmo.

Caiado, o interior do Boavista e simpático tripeiro, não deu pelo caso, e daí a pouco, com espanto, verificando que as horas no relógio do avião já não coincidiam com o tempo marcado pelo seu, comentou, intrigado — O relógio do avião adiantou-se!

Francisco Ferreira, Cardoso, e os outros jogadores que o rodeavam, mostrando os seus relógios, reconheceram-no de que o dele é que funcionava mal...

Caiado disse que contaria a história no Porto, pondo outro jogador no protagonista. Só agora nos lembramos de isso. Caso contrário, não diríamos nada...

Quando chegamos ao hotel demos-nos imediatamente conta do ambiente. O empregado de recepção, aliás, pessoa amável, pôs-nos imediatamente ao corrente da situação, dizendo-nos que o team da França era muito forte, ultra-forte, e que devíamos sofrer pesada derrota. Ante o nosso sorriso, culminou:

— A França deve ganhar ou por 5-0, ou por uma diferença de cinco bolas!

Comentámos: — Quer dizer, a selecção francesa é a melhor do mundo...

Lendo os jornais franceses, após a efectuação do encontro e o resultado de 1-0, compreendemos que o desgosto de todos era, afinal, o mesmo sentimento do empregado de recepção...

Pelo sim pelo não, e conforme indicações recebidas, a Federação Portuguesa enviou alguns produtos para completar a alimentação da equipa: laranjas, bananas, café, chocolate, açúcar, leite, etc.

Também vários jogadores levaram café — que ofereceram. Não deixaram a oferta em saco roto. Alguns deles receberam em troca — perfumes. O café português e o perfume francês fizeram boa liga!

Acompanharam a equipa, oficialmente, os srs. engenheiro Mascarenhas de Meneses e dr. António José de Melo, da Federação, e capitão António Cardoso, inspector e chefe da Repartição da Direcção Geral.

Todos eles deram ao Grupo Nacional uma carinhosa assistência, e pode dizer-se que a apresentação portuguesa não podia ter recaído em pessoas mais à altura da missão. O dr. António José de Melo dedicou-se à parte interna — digamos assim! — da Selecção, enquanto que o sr. eng. Mascarenhas de Meneses assinalou, em todas as suas intervenções, os primores de uma educação elevada, culta e finíssima.

No banquete oficial, no Clube dos Engenheiros, o vice-presidente da Federação e o sr. capitão António Cardoso produziram em francês dois empolgantes discursos. A oratória do capitão Cardoso, muito aplaudida, deixou os franceses profundamente comovidos. Esses discursos constituíram jogadas modelares do team português.

No banquete oficial, duas cadeiras da Mesa da presidência ficaram sempre vagas. Eram as dos representantes de dois ministros franceses, os ligados ao acontecimento.

Ao outro dia, os jornais comentavam desagradavelmente a não-comparência dessas entidades, asseverando que elas deveriam ter comparecido, quanto mais não fosse para ouvirem falar da França com entusiasmo, ternura e emoção profundas. — T. S.



ROGÉRIO

Stadium
Desde o n.º 1, 2.ª Série,
cada exemplar, 2\$50

fraqueza todo o proveito que seria legítimo. Enfim, os leões seguiram pachorrutamente a sua carreira, dando a impressão de que só se empregarão a fundo nos passos difíceis que a sua carreira comporta.

Disputada a 14.ª jornada, a classificação geral apresenta-se no seguinte expressivo quadro:

Sporting 26 pontos, 13 vitórias e 1 derrota, 71 bolas contra 27; Benfica 20, 10 vitórias e 4 derrotas, 48-32; Belenenses 18, 8 vitórias 2 empates e 4 derrotas, 39-17; Porto 17, 8 vitórias 1 empate e 5 derrotas, 42-27; Estoril 15, 7 vitórias 1 empate e 6 derrotas, 55-31; Vitória de Setúbal 14, 6 vitórias 2 empates e 6 derrotas, 28-21; Olhanense 14, 7 vitórias e 7 derrotas, 35-43; Atlético 14, 6 vitórias 2 empates e 6 derrotas, 25-32; Académica 14, 6 vitórias 2 empates e 6 derrotas, 32-44; Vitória de Guimarães 13, 5 vitórias 3 empates e 6 derrotas, 24-30; Boavista 11, 4 vitórias 3 empates e 7 derrotas, 27-36; Elvas 11, 5 vitórias 1 empate e 8 derrotas, 39-48; Famalicão 8, 3 vitórias 2 empates e 9 derrotas, 33-60; Sanjoanense 1 ponto, 1 empate e 13 derrotas, 12 bolas contra 62.

O Sporting dá a impressão de um grande penedo que domina e cobre inteiramente a tabela. Mesmo que assim seja, isto é, dando de barato que o problema do título esteja resolvido, a emulação entre os candidatos é suficiente para espicaçar a curiosidade dos adeptos.

T. S.

transformar nos grandes obreiros do triunfo, acautelavam convenientemente a defesa e protegiam o ataque.

Em todo o caso, os portugueses revelaram-se um bom conjunto, unido e de difícil perfuração. Os lisboetas moviam-se com relativa facilidade a meio do campo, mas à medida que se aproximavam das balizas contrárias, a bem organizada concentração do adversário dificultava-lhes os movimentos. Isto, por um lado. Por outro, os ataques portugueses eram subscritos, a maior parte deles, por Araújo. A propósito, cabe dizer que nos impressionou ver um batalhar tão generoso como o do avançado-centro northenho e tão confuso e improdutivo!

Mas o intervalo acabou com a disposição do Porto. Na segunda parte, mal souo o apito do juiz de campo, os benfiquenses invadiram o campo inimigo, resolvendo, por certo, a decidirem rapidamente o problema. Os minutos passaram-se e a pressão benfi-



Ateneu Comercial de Lisboa



S. L. Benfica

25 mil desportistas praticam o VOLEIBOL em PORTUGAL

domínio de nervos e ainda outra característica: é um jogo de conjunto. Todos os seus jogadores têm de actuar em perfeita ligação e por isso mesmo não, permite que se saliente um ou outro elemento.

Presentemente verifica-se entre nós que este desporto está em franca actividade, notando-se um desenvolvimento traduzido pela quantidade de grupos que aparecem na modalidade significando gosto e preferência de muitos desportistas. Portanto as informações que colheamos eram oportunas, visto a modalidade ter a sua Associação regional e preparando-se, ao que nos informaram, da fundação da Federação Portuguesa de Voleibol.

Dois elementos se distinguem no seu interesse pela propaganda e de desenvolvimento deste desporto: Guilherme Sousa Martins e Manuel Camacho Lúcio, presidente e secretário geral da Associação de Voleibol de Lisboa. Camacho Lúcio fala-nos da modalidade:

— Não estranhe que lhe garanta o interesse e a preferência que o voleibol está tendo em Portugal. Sem receio de me enganar, forneço-lhe o total de 25 mil jogadores que actualmente estão em actividade espalhados pelos clubes desportivos, Mocidade Portuguesa e guardações do exército.

Lisboa, Porto, Coimbra, Açores e o Funchal põem em actividade a maior parte dos jogadores.

O interesse dos clubes por este desporto pode apreciar-se pelo número de filiados na Associação de Lisboa: 24, divididos pelas categorias de Honra, 1.ª divisão e Promoção e Júniores. No Porto também o número de clubes anda pelos de Lisboa. Coimbra tem menos e nos Açores e Funchal existem igualmente muitos grupos e jogadores. Enquanto que às vezes nas ruas de Lisboa vemos os nossos miúdos jogando os seus desenhos de futebol, no Funchal, e principalmente nos Açores os rapazes entretem-se fazendo os lançamentos como no voleibol, isto pela propaganda que do jogo ali fixaram os americanos.

— Os princípios do voleibol?

— A sua introdução foi feita pela Associação Cristã da Mocidade (Triângulo Vermelho), já depois de 1930. Em 1938 fundou-se a Associação de Lisboa e de então para cá e te desporto tem ganho successivos adeptos ajudando assim o seu desenvolvimento.

— E jogamos alguma coisa em relação aos estrangeiros, como os americanos, por exemplo?

— A nossa técnica é boa. É inegável que temos jogadores de muito boa classe e pouco temos que aprender. No entanto em tática de jogo sabemos muito pouco, visto que no estrangeiro o jogo evoluiu muito e nós continuamos a reger-nos pelas regras que datam da fundação da Associação. Não sabemos nada do que é o voleibol lá fóra.

— E não procuram pôr-se em contacto com esses praticantes?

— Certamente. É neste momento a nossa maior preocupação. Tanto mais que disputaremos em Lisboa um jogo com os franceses, em Outubro próximo.

Por elementos que nos chegaram da America vamos introduzir nas nossas antigas regras as modificações que já há tempo se fizeram no estrangeiro.

Dêsse trabalho tem-se ocupado o sr. engenheir-

ro Augusto Cavaco, um entusiasta da modalidade e um dos introdutores deste desporto em Portugal.

Guilherme nos pelas últimas regras americanas «Official Volley-ball Rules da United States Volley-ball Association.

— E são grandes as modificações?

— Bastantes. Posso dizer-lhe as principais:

* A rede, que estava colocada a 2 metros e 40 passa a ter 2,44.

— Passam a ser permitidos mais de um contacto com a bola quando eles forem successivos.

— Dantes a bola só estava em jogo quando tocasse no corpo do jogador, da cintura para cima. Agora poderá ser desde os joelhos.

Uma questão de tática que nós não usávamos: o blocking (obstrução) que consiste em saltarem à rede dois jogadores para dificultar ou parar o remate do adversário.

Mas as alterações são profundas.

— Financeiramente?...

— Vivemos só das taxas de filiação e das de inscrição de jogadores. Isto não chega para pagamento da renda da casa, impressos e alguma organização modesta. Ao querermos dar os prémios do ano o déficit é certo, e só bolsa smiga pode auxiliar a vida da Associação.

— Mas estão animados em prosseguir na campanha?

— De certeza. Desportivamente a nossa actividade é muito boa. Desde Janeiro já organizámos, o festival e torneio de abertura, torneio de Preparação, Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra e 1.ª Divisão. Vai seguir-se o de Lisboa da Promoção, Torneio Popular, Taça da A. V. L. e torneio «Encerramento».

Teremos o Lisboa-Porto em 25 de Maio e o Lisboa-Funchal, na Madeira, na primeira quinzena de Agosto...

— Falou-se de um Lisboa-Paris.

— Disputa-se em 23 de Outubro integrado nas Festas de Lisboa. Este jogo é possível devido ao interesse manifestado pelo sr. coronel Salvação Barreto, custando a Câmara Municipal as despesas da vinda dos jogadores parisienses e também os do encontro Porto-Lisboa.

E Camacho Lúcio continuando a expôr-nos com entusiasmo tudo quando se pensa fazer pelo voleibol dá-nos outra informação:

— Encaramos a possibilidade de podermos aceitar o oferecimento da Federação Francesa de Voleibol, convidando a ir a Paris dois representantes da Federação Portuguesa de Voleibol para tomarem parte no I Congresso Internacional de Voleibol, em 19 de Abril. Trata-se de uma reunião importante de onde sairá a Federação Internacional e em que se apreciará a uniformização das regras de jogo. Para nós esta deslocação interessa-nos especialmente, pela contacto com o voleibol estrangeiro e porque nos daria ensejo de vermos a tática das equipas estrangeiras, tanto mais que nessa altura de disputará o Franca-Itália.

— Há um assunto em que se deve pensar, visto ele estar ligado ao desenvolvimento do voleibol. A construção de recintos para a prática deste jogo — uma modalidade que se deve fazer em ginásios. O voleibol joga-se durante todo o ano mas é impraticável com chuva ou vento, porque a bola pesa só 300 grammas.

Eis o que sabemos acerca de um desporto que em Portugal está despertando grande interesse e — é importante — que está a ser jogado por 25 mil desportistas.

Fernando Sá



Lisboa Ginásio



Oriental

O voleibol — um jogo que, hávendo do pelos americanos, tem no estrangeiro enorme actividade — está disfrutando em Portugal de grande interesse e desenvolvimento.

A modalidade tem de facto condições que a recomendam e não é por certo sem razão que o voleibol está sendo indicado nos outros países como um desporto útil para ser jogado pela mocidade, especialmente a escolar. Desporto que obriga a agilidade, não é atreito a violências e tem de parte o choque entre adversários. Além disso requer bom golpe de vista e a sua técnica impõe um verdadeiro



Jesus Correia, «patinando» num mar de lama, procura rematar, entre dois adversários



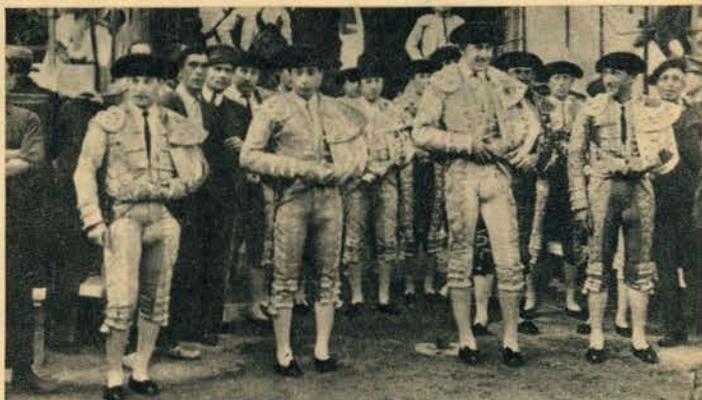
A bola está perdida para Sansão. Jesus Correia, entretanto, não conseguiu rematar com êxito

E O SPORTING CONTINUA...



As balizas do Famalicão foram constantemente ameaçadas. A defesa minhota esteve várias vezes em perigo e comportou-se valorosamente. Uma demonstração

DIAMANTINO VISEU



Diamantino Viseu faz o «paseo» da tarde da alternativa na Monumental de Barcelona, e tre Antonio Bienvenida e «Tarcita», e na extrema «Gitanillo de Triana». O português, atrás de quem se vê o grande bandarilheiro «Magritas», está sereno, apesar d' solenidade do momento, e sereno esteve na lide e morte dos seus dois touros. Já temos o primeiro matador de touros português. Agora, sorte, vista y «al toro!»



Diamantino ainda não domina a sorte de capa — dizem — mas aqui o temos lanceando bem à «Verónica» na tarde da alternativa, em Barcelona. Quando voltar a Portugal, depois de algumas corridas mais como matador de touros, esperamos que nem este senão se possa assacar ao primeiro matador de touros português



No 2.º de Diamantino, 8.º da corrida, n.º 74, salgado, de nome «Ortiguero» repetiu bens «quites» com «Gitanillo de Triana», cravou dois pares magníficos, entre ovações, e iniciou com quatro passes estatutários e faina em que se desatacaram, no meio da arena, quatro passes naturais, um dos quais reproduzimos, e matou com meia estocada, e «descabello» ao segundo instante. Ovação grande.

Touro da alternativa de Diamantino Viseu, de D. Juliana Calvo, de Salamanca, n.º 54, «Comerciantes». Negro, manso, com muito poder, e difícil. Diamantino, depois de alternar em «quites» com «Gitanillo de Triana», e de cravar um bom par, sendo o «tercio» completado por Rogerio Valgode, recebeu daquele o estoque e a «muleta» que usou com eficácia numa faena de castigo, matando de duas estocadas

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

TÊNIS

Romanoni vencido na América

Durante o campeonato profissional que se disputa em Filadélfia, o italiano Francisco Romanoni, bem conhecido dos portugueses, foi eliminado na meia-final da prova (pista coberta) pelo notável jogador Donald Budge.

Na primeira partida, que Romanoni perdeu por 5/7, o italiano veio frequentemente à rede em seguida a bem colocados *drives*, e isso perturbou o adversário, mas na partida imediata Budge marcou a sua supremacia ganhando por 6/3.

Na véspera, Romanoni vencera Jack Marsh, de Nova York, por 6/4 e 6/3, exibindo o seu óptimo jogo à esquerda, que produziu sensação.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Por virtude da recente proibição oficial dos jogos de futebol em dias de semana, o público ocorreu aos terrenos abundantemente, ansioso por satisfazer a sua febre pela bola redonda.

Apenas oito dos jogos previstos, na região do norte do país, foram adiados por causa da neve e de ligeiras inundações. A grande surpresa da jornada foi a derrota do condutor da 1.ª Divisão, Wolverhampton Wanderers — mais conhecido pelo diminutivo de Wolves — batido pelo Sheffield United (2-0) depois de um desafio duro e áspero, em particular na área das balizas.

Sheffield desforrou-se, portanto, do desaire sofrido no jogo que ambos disputaram no torneio da Taça.

Blackpool, ganhando ao Grimsby Town (3-2), ascendeu ao segundo posto e aproximou-se do 1.º classificado. É certo que o Wolves tem apenas 81 jogos enquanto o Blackpool leva já 35, diferença superior ao total de pontos (44 para 42).

Liverpool empatando com o Derby County (1-1) desceu ao terceiro lugar (41 pontos e 32 jogos).

O famoso e inconstante Chelsea conseguiu bater Sunderland (2-1), enquanto que Preston North End repeliu os esforços efectuados pelo Huddersfield para se livrar da descida divisionária, esmagando-o por 6-2.

Na acesa batalha travada entre os clubes da capital que estão em apuros, o Charlton ganhou ao Brentford (3-0) e o Leeds United

NOTA DA SEMANA

«Nem tudo que luz é ouro», afirma o conhecido ditado. Podemos parafrasear esta sentença pelo modo seguinte: nem sempre os pugilatos mais violentos são os que travam entre si os profissionais do jogo do boxe.

Como prova deste facto, relatamos o incidente ocorrido em Nova York, no Madison Square Garden, a Meca desportiva mais notável do país dos dólares, por ocasião do desafio de oquei sobre gelo jogado pelos canadianos de Montreal e os Rangers da cidade dos arranha-céus.

Assistência numerosa: quinze mil e novecentas pessoas cheias de interesse pelo resultado, disputando-se uma taça oferecida para o efeito.

Entre ambos os grupos existe uma animosidade forte, que vem de longa data, e, por tal motivo, a atmosfera do recinto manteve-se sob formidável tensão nervosa.

A 13 escassos segundos da conclusão do desafio, quando os canadianos dominavam por 4 a 3, Kenny Reardon, de Montreal, levou uma cacetada no nariz, saindo da pista a receber curativo. Ao dirigir-se para fora do campo, outro jogador, do Rangers, lançou-lhe uma chufa pesada e ali mesmo se pegaram como feras.

Foi o rastilho. Todos os jogadores restantes (note-se o por menor...) abandonaram os seus lugares, envolvendo-se em desordem — a mais formidável que se viu naquele famoso recinto.

Os stiks pareciam cacetes desarvorados em feira ribatejana. Choveram pauladas tremendas, que a polícia não pôde travar, pois o piso, gelado, dificultou-lhe a intervenção. A orquestra resolveu romper com o hino «Star-Spangled Banner», mas suspendeu aos primeiros acordes, dada a inutilidade.

Só quando os contendores, totalmente exaustos pela violência da batalha, abrandaram de entusiasmo, se viu o árbitro acuar. O sujeito preferiu esquecer os acontecimentos e recomeçou a partida como se nada houvesse sucedido.

Este facto demonstra a asserção inicial. Também serve de prova que os sações, como os latinos, perdem as estribeiras sempre que a paixão lhes embota o senso e o instinto lhes sobrepuja o raciocínio.

R. B.

obrigou o Arsenal ao empate (1-1).

Manchester United ascendeu ao quarto lugar, tendo ganho ao Everton (3-0), ao passo que o Middlesbrough decaiu um ponto por mercê da derrota sofrida em frente do Blackburn (0-1).

Stoke City, apesar de Matthews, fez figura modesta diante de Portsmouth (1-1), mas Aston Villa e Bolton Wanderers (1-2) realizaram um desafio que perdurará na memória dos assistentes pela alta classe exibida pelos dois grupos.

Na 2.ª Divisão o Manchester City e o Burnley prosseguem à compita pelo primeiro lugar, a um ponto de diferença e bem distanciados do terceiro classificado, Birmingham, que os segue a seis e sete pontos de intervalo.

Na 3.ª Divisão (Norte) o Doncaster tem segura a passagem de divisão. Leva onze pontos de vantagem ao clube seguinte, Rotherham, e 17 ao Stockport, que vai em terceiro.

Na zona sul desta Divisão, Cardiff recuou um pouco na dianteira, mas mantém-se 6 pontos à frente do Queens Park Rovers e 10 do Bristol.

RUGBY

O País de Gales vence a França por 3-0

Foi uma profunda desilusão para os 45.000 espectadores que encheram o Estádio de Colombes na véspera do jogo Portugal-França.

O «quinze» nacional francês ainda não havia sido batido no Torneio das Cinco Nações e agora ficaram iguais, com 4 pontos, a Inglaterra, Gales, Irlanda e França. A Escócia, na cauda do grupo, só colecionou derrotas.

A coesão e a energia dos galeses dominou evidentemente o jogo incerto e frouxo dos seus competidores gauleses. No fim da primeira parte os vencedores marcaram um ensaio que lhes trouxe os pontos necessários para triunfar.

A arbitragem mostrou-se talvez excessivamente meticulosa e o público protestou contra ela, sobretudo após a anulação do empate conseguido por Pebeyre.

ATLETISMO

Novos records em pista coberta

Herbert Mac Kenley, famoso velocista negro da Jamaica que frequenta a Universidade de Illinois (E. U. A.), melhorou o recorde mundial das 440 jardas (pista coberta), percorrendo esta distância em 48 segundos exactos, durante uma prova celebrada em Champagne (Ill.).

Por ocasião do torneio anual do Millrose Athletic Association, realizado no Madison Square Garden de Nova York, o atleta completo Irving Mondschein superou o recorde mundial do salto em altura (pista coberta) transpondo a fasquia a 2,025 m.

O marchador profissional inglês, Bert Couzens, que se propusera percorrer todo o litoral da Inglaterra (cerca de 4.827 quilómetros) partindo de Fleet Street, no coração da cidade de Londres, acaba de realizar a sua proeza em cinquenta e um dias.

Se não fora as péssimas condições atmosféricas, Couzens pensa que o seu tempo poderia ter sido de seis semanas, apenas.

BOXE

NOS ESTADOS-UNIDOS

Esta última semana foi pouco brilhante. Apenas há que mencionar uma vitória do peso leve galense, Cyril Gallie, sobre Patsy Giovanelli, de Brooklyn, no Madison Square Garden de Nova York. O desafio durou 8 assaltos e a decisão foi atribuída por pontos.

O campeão do mundo, Ray Robinson, concordou em pôr o título dos semi-médios em jogo contra o vencedor do próximo desafio entre Jimmy Doyle e Danny Kapilow.

O combate efectuar-se-á em Cleveland no dia 26 de Maio próximo.

Johnny Shkor, o peso-pesado de Boston que recentemente ganhou a Tami Mauriello, desafio do campeão de Inglaterra Bruce Woodcock. Joe Louis, por seu turno, mostrou interesse em enfrentar o vencedor do próximo combate Woodcock-Joe Baksi.

NA EUROPA

Ray Famechon, campeão de França dos semi-leves e um dos melhores jogadores europeus nessa categoria, ganhou por fora de combate ao italiano Bondavali (Gino), no Ginásio Japy de Paris. Famechon espera combater com o campeão de Inglaterra, Al. Philips, para o título europeu, no dia 28 de Maio.

Até lá jogará com o belga José Preys, em Bruxelas, e com o inglês Ronnie Clayton, a 5 de Maio, em Londres.

Em Espanha, o nosso conhecido Jesus Martos succumbiu por *knockout* diante de Luis Santiago, cuja forma física actual e poder de soco são agora maiores que nunca.

A fase final do campeonato promete interessar

Os resultados da jornada de domingo:

Grupo A — 1.ª série: — Celoricense-Flavia, 5-2; Mirandela-Flaviense, 2-5; Sp. Lamego-Vila Real, 0-10.

Grupo B — 6.ª série: — Marialvas-Oliveirense, 0-3; Anadia-União Coimbra, 2-3.

7.ª série: — Ferroviários-Gin. Alcobaça, 4-1; Marinense-Oriental, 0-3; Operário de Santarém-Leões de Santarém, 3-1.

8.ª série: — Alhandra-Bombardalense, 4-0; Sacavenense-Matrena, 6-0.

Grupo C — 9.ª série: — Aguiã V. F.-Torriense, 1-1; Rossiense-Casa Pia A. C., 1-0.

10.ª série: — Unidos Montijo-Amora, 1-0; Operário-Seixal, 0-1.

11.ª série: — Arroios-União Sesimbra, 8-1; Cuf-Ginásio do Sul, 5-2.

12.ª série: — União Montemor-Luso do Barreiro, 2-2; Palmeirense-Aldegalense, 0-6; Lusitano-Barreirense, 0-6.

Grupo D — 13.ª série: — Sp. Covilhã-Govienses, 5-0; Egitanense-Covilhanenses, 1-0.

15.ª série: — União de Beja-Ateneu de Reguengos (*), Moura-Luso de Beja (*), Cuf do Barreiro-Piense, 12-0.

16.ª série: — Boa Esperança-Lusitânia V. R., 1-3

(*) Adiados devido ao mau tempo.

Estão já apurados 16 clubes: Vila Real, Unidos do Montijo, Cuf de Lisboa, Barreirense, Oliveirense, Oriental de Lisboa, Sacavenense, União Torriense, Sporting da Covilhã, Cuf do Barreiro, Lusitano do Algarve, Leixões, Sporting de Braga, Beira Mar e Sporting Elvense.

Pelos resultados de domingo, algumas aspirações cederam.

O Casa Pia A. C., por exemplo, que fez uma época valorosa, não pôde vencer em Rossio ao Sul do Tejo, e daí o seu afastamento. Tomou o seu lugar o conjunto do União Torriense.

Alguns clubes de boa categoria, como o União de Coimbra e o Académico do Porto não conseguiram lugar no apuramento de grupos. A equipa do Oliveirense, que pertenceu à Divisão maior, impertigou-se bastante e não consentiu a passagem aos campeões da cidade universitária.

Equipas que tiveram acção saliente na última jornada: Sport

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » » »	65\$00
12 » » »	130\$00

Clube de Vila Real, que triunfou em Lamego por 10-0; Cuf do Barreiro, vencedor do Piense por 12-0; Barreirense e Aldegalense, que fora de casa ganharam por 6-0; e Sacavenense, que continua no melhor caminho.

De Lisboa passaram 3 equipas: Cuf, Oriental e Sacavenense. O Porto terá apenas o Leixões, Braga o seu Sporting e o Fafe e Setúbal três representantes: Barreirense, Unidos de Montijo e Cuf! Bonita actividade e excelente representação. Coimbra não conseguiu classificar-se.

Entraremos brevemente na fase mais importante da prova. Há regiões bem apetrechadas. Veremos o que sucede...

Saber perder

A derrota é a pedra de toque para o desportivismo de um desportista. Saber perder é muito mais difícil do que saber ganhar; encontramos exemplos a cada passo.

O semanário valenciano «Deportes», de 3 de Março, inseria uma entrevista com dois esgrimistas da cidade, que haviam estado em Lisboa, integrados na equipa espanhola que se exibiu no I. S. Técnico; ambos se permitiam, com desprante e segurança que não demonstraram na prancha, de florete em punho, afirmar que foram defraudados pelos juizes portugueses de resultados que lhes asseguravam a vitória no «match» de florete.

O floretista Mário Asensi é de uma «modéstia» enternecedora; declara que, no último assalto decisivo, lhe foram negados oito toques successivos em Silveira,

até que se resolvesse o assalto a favor do português!

E' do mais completo que se conhece; sofreram estoiicamente os portugueses toda a casta de atropelos que o árbitro espanhol Alexandre e um ainda pior juiz auxiliar da mesma nacionalidade houveram por bem cometer para que os Asensis vários não levassem muito que contar à família. E, em complemento, o franganote vai para a capoeira cantar de galo.

Só nos agrada a frase final da entrevista. Pergunta o jornalista: «Então, a desforra em Espanha?» e responde o joven Mário: «Devemos e podemos ganhá-la limpa e rotundamente».

Vamos a isso. Juizes neutrais, uma equipa nacional e ao ajuste de contas.

Veremos a limpeza e para que lado se voltam as rotundidades.

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — A corrida da légua (continuação)

Nama sequência que, aliás, é lei frequente no mundo do atletismo, o ano de 1930 voltou a ser muito animado, ténicamente, pela nova descida do recorde; em propagação, pela organização do 2.º Campeonato Pedestre da Légua.

Os campeonatos regionais decorreram sem relevo, vencendo Joaquim Moreira no Porto, em 17 m. 22 s. e Manuel Dias em Lisboa, em 16 m. 32 s.; os três encontros inter-regionais da temporada reservaram outras tantas vitórias aos lisboetas: no Porto, António de Almeida bateu Dias, em 17 m. 21 s., este vítima da confiança excessiva com que encarou a prova, contentando-se

Dias iniciou a prova em andamento demasiado rápido, arrastado pelo entusiasmo de Aníbal Rodrigues, que lhe servia de guia durante as primeiras três voltas, passando nos 1.000 metros em 2 m. 50 s. e nos 2.000 metros em 5 m. 52 s.; do facto se ressentia no prosseguimento da corrida, atingindo os 3.000 metros já ligeiramente além do fixado, em 9 m. 06 s., mas fraquejando mais de aí para diante. Correu os 4.000 metros em 12 m. 14 s. e a légua em 15 m. 25 s., melhorando com brilho todas as suas marcas precedentes.

Atrás dele, António de Almeida firmava bom segundo lugar, em 16 m. 5 s., am dos seus melhores tempos.

A Légua de «O Sport de Lisboa» reunia 1.100 inscrições, divididas por 68 concelhos; Lisboa veio à cabeça da lista, com 366 concorrentes, seguindo-se Setúbal com 123 e Coimbra com 96.

Nas provas concelhias voltaram a surgir resultados fantásticos, cabendo desta vez a palma a Portalegre, cujo campeão foi creditado em 14 m. 48 s.!

Os resultados das provas distritais de apuramento foram os abaixo designados, tendo todos os vencedores disputado a final no parque do Estoril, sendo a classificação nessa final que adiante de cada nome se indica entre parênteses.

Guarda: Manuel Carvalho, 16 m. 25 s. (9.º); Lisboa, Manuel Dias, 16 m. 32 s. (1.º em 15 m. 59 s.), precedendo Almeida e António Marques, todos três do Sporting, e João Gato, o corredor apurado no concelho de Cascais; Coimbra, Diamantino França, 16 m. 53 s. (2.º em 16 m. 8 s.); Aveiro, José Teixo, 17 m. 04 s. (3.º em 16 m. 20 s.); Setúbal, António Rico, 17 m. 17 s. (6.º); Porto, Mário José, 17 m. 20 s. (4.º); Leiria, M. Lácio da Silva, 17 m. 22 s. (10.º); Santarém, José Pestana, 17 m. 24 s. (5.º); Portalegre, João Ezequiel, 17 m. 30 s. (8.º); Beja, Bento Valente, 17 m. 30 s. (12.º); Faro, João Coelho, mesmo tempo (não concluiu); Viseu, Albino Rosa, mesmo tempo (13.º); Viana do Castelo, Manuel Costa, 17 m. 40 s. (desistiu); Bragança, Abílio Pires, 18 m. (desistiu); Évora, Francisco dos Santos, 18 m. (7.º); Castelo Branco, A. Taborda, 18 m. 45 s. (14.º); Braga, A. Freitas, 19 m. 8 s. (faltou na final); Vila Real, Luis Ferrador, em tempo não registado (11.º).

(Continua)

Salazar Correia



A chegada de António de Almeida, vencedor dos 5.000 metros «match» Porto-Lisboa

em seguir Almeida, o qual lhe pregou a partida de se não deixar passar na embalgama final; em Setúbal, Filipe Amorete venceu, em 16 m. 45 s., Manuel Coira Júnior e António Marques; finalmente, em Coimbra, Dias triunfou uma vez mais sobre França, em 15 m. 39 s., contra 16 m. 3 s. do adversário.

A prova dos Nacionais, disputada na pista do Lima, fora escolhida para Manuel Dias tentar a descida do seu recorde. A tabela estabelecida era um pouco mais apertada do que a do ano anterior e previa, quilómetro a quilómetro, 2 m. 55 s. — 5 m. 55 s. — 9 m. — 12 m. 8 s. — 15 m. 20 s.



Estafeta CASCAIS - LISBOA

Efectuou-se no domingo esta prova, por estafetas, com a vitória do Sporting. Várias fases da prova: Manuel Nogueira, corta a linha de chegada, dando a vitória à sua equipa - à esquerda; ao meio, em cima, a partida de Cascais, e a seguir, uma passagem do testemunho em Paço de Arcos; à direita - as equipas A e B do Sporting - vencedoras



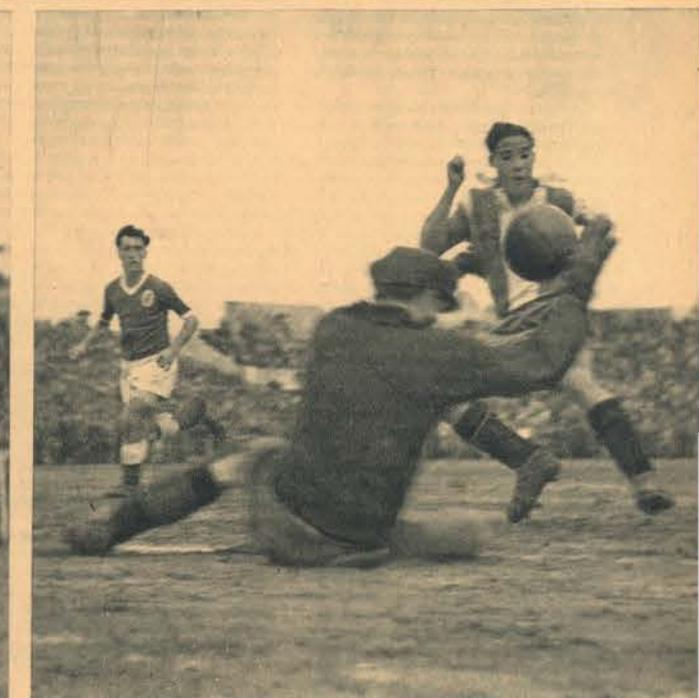
ENUSIASMO PELO CICLISMO

A velocipédia tende a desenvolver-se cada vez mais. Em Lisboa e pelo país fora. Na capital disputou-se mais uma prova de «principiantes», em que triunfou Fortunato Peretra, do Liagás. Publicamos o grupo dos concorrentes.

Ao lado, a nova equipa do Sporting, formada por Lourenço, Charron e Custódio dos Reis, acompanhados pelo orientador Armando Rodrigues



Vitória expressiva do BENFICA



Imagens do Benfica-Porto

Barrigana esteve quase sempre em acção. Algumas defesas suas: à esquerda, blocando uma bola rematada por Júlio, que se vê junto de Alfredo; ao centro, mergulha em falso, com alegria para Rogério e aborrecimento de Carvalho; à direita, lança-se com decisão e pára um remate de Arsénio



O dr. José Pontes falou sobre o olimpismo moderno, com a sua habitual competência sobre estes assuntos. A esquerda, lê o seu discurso. Ao centro, dois aspectos da distribuição da F. N. A. T., sendo contemplados Henrique Silva e Paquete, em baixo e em cima, respectivamente; à direita - os concorrentes das provas de atletismo, no Instituto Sup. Técnico



Os de Guimarães venceram em Setubal...

Duas fases do jogo em que um dos «Vitórias» perdeu: - o de Setubal. Duas intervenções de Machado, guarda-rede vimaranense. De uma vez, porém, foi batido

Comentários

Uma iniciativa para repetir

Na sessão promovida pelo Sporting e pelo nosso colega «A Bola», para entrega dos prémios aos vencedores dos Prémios do Natal, apresentaram-se em complemento do programa alguns comentários desportivos, que a numerosa assistência seguiu com evidente agrado.

A iniciativa é digna de ser posta em realce e apontada como merecedora de continuação, lamenhas podem ser as vantagens da repetição devidamente organizada de espectáculos semelhantes.

Supomos que não seja difícil conseguir dos serviços respectivos da Embaixada dos Estados Unidos da América a cedência de filmes com características idênticas, para apresentá-los acompanhados dos comentários técnicos necessários à perfeita interpretação dos preciosos ensinamentos que sempre contém.

Vale mais uma imagem do que mil palavras, disse Confúcio; e linha razão às carradas. Pela visão directa de um exercício, de um gesto, assimila-se mais facilmente a sua execução, a coordenação das diversas acções fragmentárias que o compõem, do que lendo mil palavras da mais pormenorizada e clara explicação.

Os clubes, ou os organismos dirigentes do atletismo português, agiriam acertadamente proporcionando aos atletas praticantes as incomparáveis lições cinematográficas de documentários apresentados pelos melhores especialistas estrangeiros e comentados por quem, na nossa terra, seja alguém para falar com autoridade sobre o assunto. Não faltam, felizmente, entre os novos professores e os antigos técnicos, elementos com dedicação e competência para o fazerem.

O alvitre aqui fica; oxalá alguém lhe pegue para fazer dele uma realidade.

Preparação Olímpica

Numa das noites da semana passada, o dr. José Pontes, representante de Portugal no C. O. L., realizou uma conferência de propaganda olímpica, a qual veio lembrar aos dirigentes portugueses que pouco mais de um ano nos separa dos Jogos de Londres.

O problema, pela sua impor-

tância nacional e projecção internacional é de natureza a ser ponderado em todos os seus pormenores com uma antecedência que, sendo tomada desde já, não será prematura.

Não pretendemos com este simples comentário analisar as possibilidades de acção do Comité Olímpico, ao qual não cabem quaisquer responsabilidades na preparação ou selecção dos representantes portugueses; o que importa, sem perda de tempo, é estabelecer o plano geral de assistência aos desportos possívelmente olímpicos. Julgamo-lo da competência da Direcção Geral dos Desportos em colaboração com as federações nacionais.

O incremento e o progresso do movimento desportivo português justificam, para 1948, uma representação olímpica muito mais vasta e numerosa; ao atletismo, à esgrima e ao tiro, à vela, podem juntar-se a natação e o remo, o basquetebol, etc., desde que os melhores valores com que contamos sejam sujeitos, a devido tempo, à preparação física e técnica conveniente.

Evitemos decisões de última hora; as consultas às federações devem ser feitas pela autoridade competente sem mais demoras e, àquelas que afirmem uma candidatura, que se peça um plano de trabalho, a lista das suas necessidades e a justificação das suas aspirações.

A época da improvisação já terminou em Portugal, felizmente. Mas quando os objectivos são de suma importância, também os meios para os atingir carecem de maior cuidado, redobram de responsabilidade.

A nossa civilização

No seu livro «O homem, esse desconhecido», Alexis Carrel afirma que a nossa civilização se encontra em perigo porque não foi orientada em moldes convenientes à vida dos homens. A civilização moderna, no seu entender, é consequência do capricho das descobertas dos cientistas, dos apetites dos homens, das suas ilusões, teorias e desejos.

Quer-nos parecer que este defeito tem sido comum a todas as civilizações e não atributo exclusivo desta nossa do século XX.

O grande mal das sociedades humanas demasiado odianadas em cultura é, indubitavelmente, as condições particulares da existência criadas pelos indivíduos, afastando-se da lei soberana da natureza. O homem não pode, sem perda de dignidade, esquecer o aperfeiçoamento do espírito,

mas também não pode desprezar, sem prejuízo para o destino da comunidade, os cuidados necessários à conservação do equilíbrio de funções e capacidades do corpo.

A regra que mais aprecia na civilização, e pela qual acaba sendo dominado, é a do menor esforço.

Os contemporâneos abandonaram os hábitos dos antepassados, porque esses hábitos requeriam maior dose de esforços e de trabalho físico. Ora a vida de qualquer organismo, para escapar à progressiva degenerescência, deve ser uma constante luta activa; a passividade condena à aniquilação. Ai dos fracos e dos indolentes, é a lei da natureza.

Aos riscos da sua civilização emoliente antepuseram já os homens a barreira salvadora, gerando por sua própria iniciativa os factores antagonísticos à carência de exercício utilitário e ao

afastamento da vida natural ao ar livre.

O exercício físico voluntário, pela ginástica ou pelo desporto, tem seu lugar reservado no regime de existência humana, seja qual for a idade, o sexo ou a situação que o indivíduo ocupa na sociedade.

A criança que passa horas consecutivas amarrada à banca da escola, num esforço de atenção cerebral permanente, precisa de intervalos onde a alegria dinâmica da liberdade elimine ou afaste a fadiga intelectual e, ainda, de períodos da actividade física regulamentada que restabeleça o equilíbrio fisiológico comprometido pelo exagero de trabalho psíquico. Os adultos, enclausurados durante o dia em escritórios e oficinas, cingidos à mecanização do trabalho, presos na engranagem dos usos sociais, não podem dispensar os benefícios do exercício ao ar livre e da acção muscular desintoxicante.

Talvez não seja justo acusar de perniciosa e imprópria a civilização contemporânea; seria mais adequado verberar a forma errónea como a humanidade a interpreto, levando em conta a atenuante de haver posto em prática, a devido tempo, o recurso compensador dos meios de educação física.

S. C.

AINDA O ANIVERSÁRIO DO GINÁSIO CLUBE

O desporto e a arte

Por iniciativa do Ginásio Clube Português, e com o valioso patrocínio de mestre Diogo de Macedo, esculptor de grandes méritos e ilustre director do Museu de Arte Contemporânea, prepara-se, para Maio próximo, uma exposição de arte relacionada com o desporto. Trata-se de uma ideia a que nos sentimos com o dever de prestar pública adesão. E tanto pelo que a ideia representa de per si, para um semanário ilustrado, como pela circunstância de se haver já falado dela, em tempo, na nossa Revista, por indicação de Cândido de Oliveira, quando o nosso distinto colega passou pela direcção da «Stadium».

A tentativa de então emperrou um pouco em declarações prestadas por outro grande artista, Pedro Guedes, jogador magnífico na equipa famosa do Casa Pia que bateu os ingleses de Carcavelos, em jogo memorável. Surgiu, naquela altura, uma dúvida sobre se existia ou não material bastante para a exposição. Desta vez, apadrinhada certamente a ideia por Diogo de Macedo, que a lançou no nosso prezado colega «A Bola», encontra-se em plena marcha e tem deste modo esplêndidas condições de êxito.

E' provável que para tal possa

ter contribuído a recente exposição de pintura de Gil Figueira, mas os trabalhos deste artista, que pretendeu ser o primeiro pintor a pôr na tela motivos desportivos, não saíram de um plano bem modesto, quase roçando pela fotografia colorida a óleo. E', todavia, mais natural que, para a projecção da ideia, tenha concorrido poderosamente a oportuna série das entrevistas de «A Bola» com vários dos melhores artistas da geração moderna.

O Desporto constitui, de facto, um excelente motivo de arte, e são numerosos os artistas que passaram pelo desporto e alguns deles têm apresentado, em exposições, individuais ou de conjunto, assuntos e figuras do desporto nacional. Entre os géneros de arte que têm valorizado o desporto, figura, por exemplo, a caricatura, que é também uma arte, conforme ainda há pouco tempo foi definida. E muitos trabalhos fotográficos de desporto poderão, com justiça, ser considerados excelentes demonstrações de arte. A sua galeria deve ser admirável, se for aproveitada.

Há, pois, quanto a nós, material bastante para justificar uma exposição como a que o Ginásio vai organizar em Maio. Estamos convencidos do seu êxito. E desejamo-lo, sinceramente. O desporto precisa de ser espiritualizado. E é benévolo tudo quanto nesse sentido se fizer.

Assinem a STADIUM

Stadium

AS COMPETIÇÕES OFICIAIS DO FUTEBOL NACIONAL

O Projecto apresentado pela Federação

A F. P. F. distribuiu pela imprensa da especialidade o projecto das competições do futebol português, elaborado por uma comissão de que fazem parte os Srs. eng. Mascarenhas de Meneses, Dr. Faco Viana (em substituição de Sr. Raul Vieira) e major Ribeiro dos Reis.

Embora os nossos colegas desportistas já tenham publicado o importante documento, julgamos do nosso dever referir-nos também a ele, dada a excepcional «gravidade» do problema, de que depende, em larga escala, o futuro do futebol nacional.

A modificação é profunda e a F. P. F. pretende, ao tornar publico o projecto, através dos jornais desportivos, que toda a gente dele tome conhecimento e apresente, se assim o entender, sugestões que a comissão apreciará devidamente.

Em síntese, o projecto prevê:

— Supressão dos campeonatos distritais para os clubes mais importantes.

— 1.ª Divisão Nacional.

— 2.ª » »

— 3.ª » »

— Campeonatos distritais: (clubes que não fazem parte da 1.ª e 2.ª Divisões).

— Campeonato nacional de juniores.

— Taça de Portugal.

— Taça do Império.

— Torneio entre seleções regionais.

As 3 Divisões são, por assim dizer, interdependentes umas das outras, devido à adopção do sistema de promoção e relegação. O projecto dá amplas possibilidades aos clubes modestos, permitindo que um clube possa, em dois anos — assim

possua valor para isso — ir da 3.ª à 1.ª Divisão.

A 1.ª Divisão comporta 14 clubes. Em 1947/48 serão os 12 primeiros do campeonato em curso e o campeão da 2.ª Divisão, por permuta com o ultimo da 1.ª; o 2.º da 2.ª Divisão disputará um jogo de passagem ao penúltimo da 1.ª.

A 2.ª Divisão compreende 32 clubes. 2 Grupos — norte e sul — e duas zonas em cada Grupo.

Zona A: Braga (2), Vila Real (1), Porto (3), Aveiro (2).

Zona B: Viseu (1), Coimbra (2), C. Branco (2), Leiria (1), Santarém (2).

Zona C: Lisboa (4), Setúbal (4).

Zona D: Portalegre (2), Évora (2), Beja (2), Faro (2).

A 3.ª Divisão compreende duas fases: campeonatos distritais (clubes que vão entrar nas duas Divisões superiores: 46) e campeonato entre campeões.

Na 2.ª Divisão haverá: torneio a duas voltas nas Zonas; torneio a duas voltas com quatro clubes; 2 da A e 2 da B; 2 da C e 2 da D; torneio a duas voltas entre quatro clubes (2 do Grupo Norte e 2 do Grupo Sul).

Na 3.ª Divisão, apurados os

campeões distritais, segue-se a prova entre eles, a eliminar em duas «mãos» (final num só jogo, em campo neutro).

Serão formados, para isso, os seguintes pares:

1 — Braga; Vila Real ou Bragança (jogo preliminar para apuramento).

2 — Porto e Aveiro.

3 — Viseu e Coimbra.

4 — Guarda e C. Branco.

5 — Leiria e Santarém.

6 — Lisboa e Setúbal.

7 — Portalegre e Évora.

8 — Beja e Faro.

A seguir jogam 1-2, 3-4, 5-6, 7-8. E assim até à final.

Os clubes da 1.ª Divisão baixam para a zona a que pertencer a sua associação. Excepcionalmente essa zona ficará, se for necessário, uma época com clubes a mais. No final da época, os que excederem 8 baixam à 3.ª Divisão. Mas mantém-se sempre o princípio da promoção: o último ou o 8.º (quando forem mais de 8) disputará um jogo com o clube vencedor do respectivo quarto de final da 3.ª Divisão.

Os campeonatos da 1.ª e 2.ª Divisões começam no 3.º domingo de Setembro. O da 3.ª Divisão, na

parte da F. P. F., principia no 1.º domingo de Janeiro.

Nas Associações haverá campeonatos distritais com 3 Divisões e o sistema de promoção. As Associações organizarão ainda campeonatos de juniores e provas de categorias secundárias para os clubes da 1.ª e 2.ª Divisão Nacional.

A Taça de Portugal tem duas fases:

Competição preliminar entre 32 clubes: 24 não qualificadas, na 2.ª Divisão, para a segunda fase desta, e os 2 vencidos de cada par da 3.ª Divisão. Haverá 4 grupos: 6 ultimos da zona A e 2 vencidos de 1 e 2 da 3.ª Divisão; 6 da B e 2 de 3 e 4; 6 da C e 2 de 5 e 6; 6 da D e 2 de 7 e 8.

Prova a eliminar.

Depois: 14 da 1.ª Divisão, 8 da 2.ª, 2 da 3.ª (finalistas), 4 da preliminar. O representante das ilhas entra nos quartos de final.

O campeonato nacional de juniores é disputado entre os os campeões distritais, apurados segundo a «fase F. P. F.» da 3.ª Divisão. Jogos a eliminar. Começo em Março.

A Taça Império disputa-se de 3 em 3 anos, não devendo coincidir com os J. O. ou o campeonato do Mundo.

Concorrem: campeão da 1.ª Divisão, vencedor da Taça de Portugal, campeões de Angola e Moçambique. Se o mesmo clube tiver ganho o Nacional e a Taça entrará o 2.º do Nacional.

Finalmente, o torneio das seleções regionais, em «poules» a uma volta. Jogos a disputar, normalmente, 15 dias antes dos encontros internacionais.

Norte: Braga, Vila Real, Bragança e Porto.

Centro: Aveiro, Viseu, Coimbra, Guarda, C. Branco, Leiria e Santarém.

Lisboa.

Sul: Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro.

O projecto prevê 3 ou 4 jogos internacionais por época.

Trata-se, como se verifica, de uma modificação profunda na organização das competições do futebol nacional.

Os interessados, e muitos são, podem agora dizer de sua justiça...

NATAÇÃO

A segunda jornada do «Torneio da Primavera»

fechou com brilho a época de Inverno

No domingo já nadamos na piscina grande, com água fria... Esta frase andava de boca em boca, reflectindo, como facilmente se compreende, a satisfação legítima e unânime de ver chegada, não diremos a temporada de Verão, que às estações andam em tanto indisciplina, mas, pelo menos, a temporada de natação ao ar livre.

A segunda jornada do «Torneio da Primavera» foi, pois, a última disputada na piscina de «Eduardo Portugal», e muito embora não fosse a que reunia maior número de participantes, em nada ficou a dever à anterior em animação e interesse.

Houve provas bem disputadas. E de entre elas salientaremos, pela luta renhida e emocionante que provocou, a última série dos 66 metros-costas, para principiantes, janiores e seniores, que reunia João Franco do Vale — o esperançoso nadador do S. A. D., ultimamente afastado, por doença, das competições — Gai-

lherme Patroni e João Pereira Bastos — campeão regional de 100 metros-costas.

A prova, muitíssimo bem disputada por aqueles três elementos, constituiu, sem dúvida, o melhor momento da reunião, quer pela luta travada, quer pelas marcas obtidas. E os «tempos» foram eloquentemente: Vele, 48,4 s.; Patroni, 48,5 s.; Pereira Bastos, 48,6 s.. Esta prova torrencea, aliás, mais motivos de agrado — e mais «tempos» de valor: José Cabral Júnior, 54,2 s.; Armando Rodrigues, 54,5 s.; Eduardo Cordeiro, 54,8 s..

Os «infantis» corriam os 66 metros-livres. Eduardo Marta Barbeiro voltou a evidenciar as suas óptimas qualidades, triunfando, à vontade, em 43,8 s., com apreciável vantagem sobre o conconcorrente imediato — Enrico Sergey, 53 s..

Nos 33 metros-costas, Fernando Esteves Madeira — que seguiu à frente da classificação geral, na sua categoria — venceu com apreciável vantagem, em «tem-

po» que merece registo: 25,8 s.. Entre as meninas, Maria Luísa Malheiro da Silva, reafirmando as suas invulgaes possibilidades, venceu com brilho os 33 metros-livres, no belo «tempo» de 25,8 s.

E no domingo teremos a última jornada deste «Torneio da Primavera», já noutro ambiente, oxalá que com a piscina banhada pelo Sol...

A homenagem a Bessone Basto

No próximo sábado, promovido pela direcção do Sport Algés e Dafundo, realiza-se um banquete de homenagem a Rodrigo Bessone Basto, no decorrer do qual serão entregues ao grande pioneiro da natação lisitana as insignias da Ordem de Instracção Pública, com que recentemente foi agraciado.

Trata-se, com efeito, de uma homenagem a todos os ídolos justissima e à qual nos associamos gostosamente.

Abreu Torres

Almanaque dos Desportos

300 páginas ilustradas

Autores: — Alguns dos melhores jornalistas portugueses

Recebem-se inscrições nesta Redacção — Preço do livro 22\$50 — Todas as modalidades e todos os campeões — As leis do futebol dentro de uma grande obra.

BELENENSES e ATLÉTICO empatarem 1 a 1



Uma bela fase do encontro entre belenenses e alcantarenses. Os azues estão ao ataque, vendo-se Serafim junto dos defesas adversários: Castro, Baptista e Armindo



Correia que defendeu sempre bem, segura um remate vindo por alto



Os melhores grupos de oquei em patins vão encontrar-se na SUIÇA

PARTIU para Montreux a nossa equipa de oquei em patins. E os desportistas portugueses, como sempre acontece, confiam na actuação dos nossos representantes, embora a este campeonato da Europa concorra desta vez a Inglaterra, que alinhava no grupo dos que melhores provas tem dado, em campeonatos da Europa e do Mundo.

A equipa de Portugal, por coincidência, joga logo de entrada com a formação inglesa. Uma vitória lançaria os nossos representantes admiravelmente na conquista do título.

E porque não?

A equipa lisboeta, constituída por Correia dos Santos, S. Dionísio Serpa, Olivério Serpa, Jesus Correia, Henriques Marques, Cipriano, Emílio e Lopes, demonstrou já no decurso de várias competições que possui valor de melhor.

Ainda o ano passado, a despeito da vitória italiana conseguiu impressionar todos os suíços e a própria crítica, que considerou os nossos representantes superiores aos mais variados concorrentes.

No torneio que vai efectuar-se em Montreux, serão seus adversários: — a Inglaterra, a Itália, a França, a Espanha, a Bélgica e a Suíça, que costuma organizar excelentemente a competição.

— Ganhamos? Perdemos?

Um dos mais categorizados jogadores da equipa, o «internacional» de futebol e de oquei Manuel Jesus Correia, que ouvimos à partida, disse-nos:

— Ganhamos!

Atrevimento não sabemos se era. O conhecido e impecável jogador apontou até os resultados.

— Não perderemos o único encontro! Eis os meus prognósticos: Portugal-Inglaterra, 4-2; Portugal-Itália, 5-2; Portugal-França, 7-1; Portugal-Espanha, 8-0; Portugal-Bélgica, 10-2; Portugal-Suíça, 5-2.

Estes números, pelo menos, indicam o valor dos adversários para Jesus Correia. A Inglaterra — mais forte. A Itália e Suíça, no mesmo plano; Espanha e França, — um pouco mais fracas.

O torneio principia na 6.ª feir. e no sábado efectua-se dois jogos. No primeiro dia: Portugal-Inglaterra; no segundo: Portugal-Itália e Portugal França; no domingo: Portugal-Espanha e Portugal-Bélgica; na segunda-feira: Portugal-Suíça.

— E que mais, Jesus Correia?

— Pelo menos queremos manter o 2.º lugar do ano passado. Mas um 2.º lugar que corresponda à nossa vitória sobre a Itália, que nos venceu após um jogo memorável.

Vamos a ver. Os rapazes, despedidos na estação do Rossio por numerosos admiradores, partiram satisfeitos e esperançados. S. Dionísio Serpa levava já as calças à «golf» — para... imitar os suíços — dizia ele.

Os dirigentes mantinham-se optimistas. O capitão Santos Romão, Vitor Lemos, José Castilho, confiaram-nos as suas impressões, mas todos convencidos de que a nossa equipa era capaz de corresponder. Em absoluto.



Antes da partida: jogadores, dirigentes e vários amigos

Um embaixador brasileiro do desporto

NELSON SINTRA

curiosa figura de desportista

O Rogério vai para o Brasil!

A notícia causou sensação, espalhou-se por todos os recantos do desporto e surgiram comentários variados. Ainda se julgou tratar-se de boato... De há tempos a esta parte alguns têm sido os jogadores a quem se atribui a ida para a nação irmã: Azevedo, Feliciano... Mas esta novidade confirma-se. Ou talvez se confirme! Pelo menos, é certo que o Botafogo se interessa por fazer alinhar no seu team o popular extremo esquerdo do Benfica. A Rogério também lhe agrada o convite, mas a última palavra só uma entidade a poderia dar: a direcção do Benfica.

No entanto quando esta edição da *Stadium* circular já o caso estará resolvido.

Não deixamos, porém, de nos avistar com o dr. Nelson Sintra, um brasileiro ilustre, desempenhando no Rio cargos de importância no desporto e pessoa que cativa pela amabilidade e simpatia com que nos recebe.

Claro que as nossas primeiras palavras foram sobre o caso Rogério.

— Mas não se pense — diz-nos o dr. Nelson Sintra — que a minha vinda a Portugal, à vossa encantadora Lisboa, foi unicamente destinada a conseguir a ida de Rogério para o meu clube, o Botafogo.



O dr. Nelson Sintra, conversa interessadamente com o nosso redactor

É certo que procuro tratar desse assunto, mas o meu contacto com o desporto português é de maior importância.

Como delegado do Conselho Nacional dos Desportos do Brasil desloquei-me a Portugal para me avistar com as entidades que superintendem no desporto português.

— E a finalidade dessa missão?

— Estabelecer o inter-câmbio desportivo entre as duas nações. Agora que as distâncias tanto se encurtaram, galgando-se de um pulo milhares de quilómetros, Brasil e Portugal ficam mais perto um do outro. Assim, desejamos quanto antes entrar em competição com os desportistas portugueses, o futebol, primeiro, as outras modalidades depois — o basquetebol logo a seguir.

— Primeiros resultados dessa missão?

— Excelentes. Estou encantado com o acolhimento, a amabilidade e a simpatia de que tem sido rodeada a minha missão. Avistei-me já com o sr. Director Geral de Desportos que se confessou muito interessado em que a minha missão seja coroada de pleno êxito. Além disso, o ilustre chefe dos Desportos deu-me a entender que é possível, de facto, a vinda do Botafogo de Lisboa.

— E a Federação de Futebol?

— Também já me avistei com os seus dirigentes. Amáveis. Igualmente interessados.

— Para quando a vinda do Botafogo?

— Deslocar-nos-íamos já em Abril.

— Mas também se pensa na vinda do Vasco da Gama?

— Quando sai do Rio de Janeiro falava-se nessa possibilidade, mas a deslocação do Vasco da Gama só se efectuará em Junho para jogos integrados nas Festas da Cidade.

Depois de nos fornecer estes esclarecimentos, o dr. Nelson Sintra interrogou-nos acerca da nossa opinião sobre o interesse que despertará em Lisboa a visita dos grupos brasileiros.



A equipa do Botafogo, excelente conjunto brasileiro, cuja visita a Portugal está sendo tratada

Garantimos-lhe a viva curiosidade com que veremos em Portugal os grupos brasileiros de futebol e logo depois — os nossos olhos descobriam alguns números da *Stadium* em que se publicou na capa a foto de Rogério — insistimos no caso da ida de Rogério para o Brasil.

— Reparo, diz-nos o dr. Nelson Sintra, que este caso do Rogério vos interessa particularmente. Mas é muito simples. De há muito que desejamos ver nos grupos brasileiros um jogador português. Pensamos, desta forma, prestar como que uma homenagem ao vosso desporto, mas se tal desagradar, de maneira alguma insistiremos. Nada há que venha perturbar o nosso firme desejo de estabelecer o inter-câmbio desportivo com Portugal.

Falamos do futebol brasileiro.

— O futebol brasileiro, esclarece-nos, atravessa um momento de excepcional brilho. A nossa recente vitória sobre a Argentina comprova isso mesmo.

— O vosso sistema de jogo?

— É um futebol muito semelhante ao argentino.

— Os melhores do futebol brasileiro?

— O Botafogo, Fluminense, Vasco da Gama, Flamengo e o América.

De jogadores há o Ademir, Aleixo Freitas, Jerson, Jair.

E numa exclamação curiosa:

— Mas espantou-me os quase 15 mil sócios do vosso Benfica e também os muitos milhares do Sporting. No Brasil, a média está entre os 6 a 7 mil sócios e clubes há, como o Botafogo, que as sedes são recheadas de motivos vários

de interesse, como salas de jogos e divertimentos, teatro, etc.

— Viu o Benfica-Porto? Que impressão colheu do nosso futebol?

— Magnífica. Um jogo vistoso, de bom conjunto.

— Que tal o Rogério?

— Gostei. A sua forma de jogar adaptaria-se muito bem ao futebol brasileiro. Rogério no Brasil seria um bom profissional de futebol. Araujo, do Porto, também me impressionou.

— Viriam só a Lisboa?

— Talvez não. Já falei com alguns directores da F. C. Porto, que se mostraram interessados na nossa visita. Julgamo-la realizável, de mais a mais tratando-se de um clube que tem muita simpatia no Brasil.

Também achamos interessante. O Porto não tem assistido a jogos de grande categoria, e o seu público merece bem ser compensado pelo seu esforço. Já ali se exibiu o Vasco da Gama, há anos, com muita satisfação dos nortenhos. A direcção do popular grupo nortenho, segundo sabemos, não se poupou a sacrifícios, desejosa como está de melhorar as suas relações com grupos de boa classe.

Os muitos afazeres do dr. Nelson Sintra não permitiram que ocupássemos mais tempo.

Portugal e Brasil vão estabelecer o seu inter-câmbio desportivo. Há muito que os portugueses desejavam este contacto. Da mesma maneira o desejam os brasileiros, garantiu-nos o dr. Nelson Sintra. Julgamos o momento propício para a realidade desse inter-câmbio!

FERNANDO SÁ



A equipa de juniores do S. L. E Elvas, vencedora da sua série, sem derrotas

O S. L. E ELVAS VENCEU OS ALGARVIOS



Um defesa olhanense devolve com energia uma bola que um adversário persegue — à esquerda; à direita — três adversários em procura de uma bola que se não vê...



O jogo Grã-Bretanha-Continente

A primeira organização de atletismo do interior

No ginásio do Instituto Superior Técnico, na noite de quinta-feira, promoveu a Associação dos Estudantes uma sessão de atletismo de interior, que alcançou o melhor êxito, vindo provar as grandes possibilidades latentes de atletas semelhantes. Abriu-se assim, auspiciosamente, um novo e utilíssimo campo de acção para os nossos praticantes da modalidade.

O recinto, embora de dimensões reduzidas para os fins em vista, foi bastante para permitir competições interessantes e variadas: uma recta de trinta metros e uma pista circular de oitenta metros, pouco mais ou menos, serviram para animadas corridas e no espaço central disputaram-se provas dos três saltos.

A tentativa, que pode considerar-se experiência trianante, deve ter mostrado aos dirigentes clubes e associativos o proveito que poderão tirar, utilizando para organizações similares o magnífico Palácio de Desportos, construído pela Câmara Municipal no Parque Eduardo VII.

Haverá, certamente, alguma dificuldade na elaboração dos programas, para que estes possam atrair e satisfazer o público; as corridas, por serem as competições atléticas que maior entusiasmo provocam na assistência, devem sempre ocupar parte

preponderante. A inclusão dos três saltos na mesma sessão, como aconteceu na quinta-feira passada, sobrecarrega em demasia o programa, alongando-o além dos limites convenientes.

A variedade de corridas que se podem incluir nestas organizações de interior é bastante grande, desde as provas de velocidade em curto percurso, aproveitando a recta, e que são, na sua relampejante rapidez, empolgantes, até às provas de velocidade prolongada e meio-longo — dos 400 aos 1500 metros — que se prestam a animadas lutas na curta pista circundante.

A apreciação técnica sobre o certame organizado no I. S. T. deve ser benevolente; não se podia exigir dos participantes, certamente ainda pouco treinados e desconhecendo as condições inteiramente novas em que agiam, grandes proezas. A dureza do piso, a reduzida distância para a corrida preparatória, são factores a considerar.

No entanto, alguns concorrentes deixaram agradável impressão, como os saltadores em altura Melo Breyner e Seródio Gomes; o saltador em comprimento Pires Monteiro, cuja corrida preparatória é excelente; os finalistas das trinta jardas, cujo vencedor nos pareceu ser Nano Morais, que o jári classificou em segundo lugar.

A estafeta Cascais-Lisboa foi um duplo triunfo para o Sporting

Esta corrida entre Cascais e Alcântara, ao longo da estrada marginal, é sempre um dos mais apreciados elementos do calendário de atletismo de Inverno; mas este ano foi particularmente interessante porque nunca houve manifeste superioridade de uma equipa. Pôde mesmo afirmar-se que a prova se decidiu, na estafeta final, pelo fracasso total e algo inesperado de um corredor.

Em resumo, a prova decorreu assim: no primeiro percurso, terminaram os quatro corredores em pelotão, com Francisco Bastos à cabeça em 6 m. 23 s.; no imediato destacou-se o benfiquista José Araújo, que entregou o testemunho em primeiro lugar, com 17 s. de avanço sobre o sportingista Conde e tendo gasto 13 m. 42 s. do Estoril à Parede.

No troço seguinte, Filipe Luís prontamente alcançou Manuel Gomes e lhe lagou, chegando a Paço d'Arcos com 20 s. de vantagem e após 21 m. 9 s. de corrida. Alonso Marques também logrou colar-se a Gomes, mas perdeu de novo, para o final, bastante terreno.

Na quarta estafeta, os adversários aproximaram-se; foi ainda o homem da «Sporting A», Libânio, quem primeiro concluiu, mas Armindo Pereira vinha apenas a 30 metros e o outro «leão», Quaresma, aproximadamente a

80 metros. Tempos: Quaresma, 17 m. 55 s.; Armindo, 18 m. 3 s. e Libânio, 18 m. 16,4 s.

Para o percurso final, partiu pois Nogueira apenas com três dezenas de metros de avanço a João Silva; largou muito rápido, na sua excelente passada do melhor ritmo e o rival, na pegada, nunca se aproximou, parecendo pouco à vontade.

Em Belém, o seu atraso era de mais de cem metros e na meta superior a trezentos, tendo entretanto sido ultrapassado por Carvalho, do «Sporting B», que se permitiu o luxo de recapturar 52 s. a João Silva. Nogueira gastou 16 m. 23 s., Carvalho 16 m. 20 s. e João Silva 17 m. 5 s.

Tempos globais: Sporting A, 1 h. 16 m. 12,8 s.; Sporting B, 1 h. 16 m. 48,9 s.; Benfica A, 1 h. 17 m. 5 s. e Benfica B, longe.

Os «leões», classificando nos lugares de vanguarda as suas duas equipas, cometeram proeza notável, firmada no valor dos seus elementos jovens, pois utilizaram 4 seniores, 4 juniores e 2 principiantes, ao passo que o Benfica apresentou 8 seniores, 1 junior e 1 principiante.

A organização da prova foi perfeita e a partida dada à hora rigorosamente exacta. A disciplina de ciclistas na estrada e público nos locais de meta não são de responsabilidade dos organizadores.

Salazar Correia

agradará mais a uns do que a outros

LONDRES, Abril de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Um país desportivo — a Inglaterra! Escrevemos antes de sábado, dia destinado a extraordinária actividade desportiva. Além de numerosos e importantes encontros de futebol e de rugby, estava marcada para o Tamisa a célebre regata Oxford-Cambridge, que procuraremos ver o melhor possível.

Isto se conseguirmos, evidentemente, um lugarzinho. Diz-se em Londres que mais de um milhão de espectadores se hão-de ver ao largo do Tamisa. Santo Deus! Um milhão de espectadores...

Ora, se confirmarmos com outro milhão, pelo menos, que deve ocorrer aos campos, para assistir a futebol, «rugby» e ténis, encontraremos na velha Inglaterra o sabor desportivo que agrada a todos — sejam ou não britânicos.

Como chegou a Inglaterra o este apuro? Criando o futebol? Estudando, nas suas particularidades, os mais curiosos junções do desporto? Servindo-se das qualidades especiais do seu povo para desenvolver os jogos na prática e na técnica?

Um pouco de tudo. Os ingleses, praticantes ou não, analisam os casos ligados à Educação Física com o maior seriedade, embora no decurso da luta se apaixonem e gritem — como os outros. Mas do seu seriedade na erramação de assuntos presos à engrenagem desportiva nasceram os primores do seu trabalho no campo ou no rio. Os ingleses não são excepcionais. O seu temperamento é que talvez o seja, e daí o valor que demonstram e a manifestada superioridade que pode extrair-se de presença de milhões de pessoas ao lado do Tamisa ou junto das relvas bem tratadas dos seus Estádios.

Ainda o Inglaterra-Resto...

Para os britânicos trata-se apenas de um jogo. É de um jogo que os enveldecer e lhes serve para tirar conclusões. Sobre o seu valor e o do Continente? Não se pense nisso. Então...

A conclusão poderá ser esta: — beber se a sua equipa é ou não capaz de enfrentar todos os adversários!

No entanto... O grupo do Continente, formado em grande maioria por elementos nórdicos, representará em verdade o futebol total vibração, nervos, — futebol que oferece a garantia desejada pelos ingleses?

Há por cá muitas opiniões sobre o caso. Não se considere, rigorosamente, uma selecção formada pelos melhores homens de siém Mancho, mas sim um conjunto que procurou, quase, entender-se no próprio campo por meio de palavras. Quer dizer: — não se precisa conhecer grande número de línguas para se entenderem em várias situações provocadas pelo desfecho. Evitou-se a «solado-russo», naturalmente.

Mes os britânicos precisam de bons adversários. A Inglaterra selecciona sempre, dentro e fora do país, as suas relações. As famosas equipas de futebol britânicas, após a guerra, como já se disse, tiveram de sofrer sérias «mexidas», e os dirigentes viram-se forçados à respecagem para os integrar dentro do seu valor passado.

Agora, segundo impressão geral, joga-se como nos melhores tempos. Será assim? Não conhecemos o futebol britânico dos períodos áureos, da época de Hapgood ou de Boston, e por isso nos dispensamos de comentar a evolução para os tempos de hoje.

O jogo de Glasgow, contra uma selecção com certeza admirável, mas que pretende «arrojadamente» ser do Continente — não terá interesse projectável no mundo do bola. Acreditamos nisso sinceramente. Mas servirá aos simplzonetes do popular jogo para ver até que ponto perdeu ou ganhou qualidades a grande equipa inglesa. Será, possivelmente, a «pedra de toques».

Finalidade do jogo — para os estranhos? Não a encontramos. Para os ingleses — o julgamento das suas possibilidades. De resto, uma boa vitória aumentará o seu prestígio, ou «diz» a toda a gente que não se bate ainda facilmente a Grã-Bretanha?

Vemos pela segunda versão. Parecem semelhantes, mas não é assim. A Inglaterra, ou melhor a Grã-Bretanha, precisa de colocar o seu futebol no plano em que esteve. O «prestígio» pertence-lhe. A vitória contra o «Continente», e verificar-se, garante-o de novo. Não o aumento — mas serve-o, e nem outra coisa se deseja, certamente.

Logo, o desafio Grã-Bretanha-Continente talvez não faça grande barulho em vários países, nomeadamente em Portugal, que não estará representado. Em finalidade, para continentais — zero. Mas os ingleses não duvidam um só momento de sua importância e oportunidade!

F. M.

ano V — 11 Série — N.º 226
Lisboa, 2 de Abril de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

TAVARES Gilvito João Gonçalves, N.º 3-A
Teléfono: 43923 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA

Proprietária de
SOCIÉDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAFURA, LIMITADA
SILVAT, LIMITADA

Stadium

O LEIXÕES possui uma bela equipa de juniores, embora não tivesse conquistado o 1.º lugar na sua série. O F. C. do Porto, em nosso entender menos forte nessa categoria, classificou-se na vanguarda, mas não pôde evitar uma derrota, em Matosinhos, por 4-1.

Vamos para o Campeonato Nacional. Conseguirá o F. C. do Porto deixar de si boa impressão? Os juniores portuenses não se têm exibido de maneira a corresponder — mas tudo é possível...

♦ DIGA-SE ainda que o Leixões, em seniores, também agrada aos seus admiradores. Veremos igualmente o popular clube no torneio de «grupos» do campeonato nacional.

Confiava-se o mais possível no Académico. Mas o conjunto do Lima deixou que o Sporting de Braga lhe interrompesse a carreira esperanças que a princípio revelava. Agora, a cidade capital do Norte aguardará que o velho Leixões cumpra com o seu dever.

♦ FERNANDO CASTRO retirou para os Açores, de onde veio há tempo. Perde o F. C. do Porto um admirável colaborador e a cidade um excelente desportista. O voleibol no F. C. P. criou popularidade graças ao esforço produzido por Fernando Castro, açoriano e praticante do melhor quilate.

O antigo capitão e orientador dos grupos de voleibol do F. C. do Porto esteve bastante doente, mas regressa para convalescer em definitivo. Desejamos-lhe as melhores felicidades.

♦ ESTÃO prejudicadas, segundo parece, as negociações para o jogo de futebol Porto-Sul de França. A recente combinação para o desafio Portugal-França B eliminará com certeza os bons propósitos de A. F. P., que procure ansiosamente alargar a sua acção.

♦ VISITARÁ Lisboa a equipa do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, já nosso conhecido.

Não podem os clubes portuenses, especialmente o F. C. do Porto, tratar de trazer até nós o prestigioso clube brasileiro? Julgamos que não seria difícil, e também que o público desta cidade corresponderia — como sempre acontece. Mas era bom não perder tempo...

♦ NÃO se fala em basquetebol. Aquela atitude estranha que eliminou o F. C. do Porto não é discutível cá na terra, e por isso não sabemos como foi apreciada nas esferas superiores. Mas o caso dá para humorismo... Altrém-se culpas para A e para B — culpas que não atingem o F. C. do Porto. Este, entretanto, é que lhe sofreu as consequências...

É esta? Santa disciplina!

♦ MANUEL J. PEREIRA, valoroso ciclista e excelente rapaz, continua na luta, pelo Salgueiros, isolado, sem companheiros que o auxiliem.

Admirável persistência a de Manuel J. Pereira! Não se encontram muitos elementos com tamanha fi-

Questão resolvida...

É acabou a questão!...

Fernando Jorge Moreira e Onofre Tavares, os dois melhores ciclistas do F. C. do Porto, assinaram a respectiva ficha pelo popular agrupamento nortenho, único que até hoje representaram. Pode por isso considerar-se encerrado o debate...

Parece talvez oportuno dizer que a velocipédia nortenha não ficou desfalcada, ainda sem prejuízo de quantos reforços se pretendiam e foram defendidos vigorosa e desmedidamente.

Pela nossa parte, não desejávamos outra coisa. Afirmamos que para construir uma equipa não era necessário inutilizar outra, e parece que a ninguém poderia ferir o critério defendido. Era honesto e não atropelava direitos fosse de quem fosse.

Preparem-se agora os ciclistas para a luta na estrada ou na pista, esquecendo-se uma discussão imprópria. Os ciclistas e os clubes, como o público afeiçoado à modalidade, que é numeroso, felizmente, não precisam de se envolver em questões apaixonantes, nem sempre conduzidas com serenidade.

Todos os clubes desejam viver, e se não se atropelarem, cabem todos dentro da engrenagem desportiva nacional. Para que discutir os seus problemas com lanço azedume, raiva incontida, propósitos de magoar a torto e a direito? Criaram-se para isso?

Dizer de modo atrevido: «A razão é nossa! Só nós somos sérios — e tudo o mais revela inferioridade, insensatez ou maldade» — não será ver as coisas por um só ângulo?

Se todos meterem a mão na consciência — que se encontra? Há muitos para julgar os seus actos puros e criteriosos, ou existem lá dentro «telhados de vidro»?

Ora vamos. As modalidades não podem viver na dependência de questões que descem até o insulto. Nem de um lado nem do outro são toleráveis, visto que impera quase sempre a parcialidade, o egoísmo, a defesa sistemática do «clubes». E não deve ser assim, em nossa opinião, modesta mas firme.

Faça-se bom ciclismo — eis o problema principal. Daqui não deve fugir-se. Quanto ao «restos» — ponto final. O F. C. do Porto defendeu com unhas e dentes os seus atletas. Fez bem e cumpriu com o seu dever. Ganhou. Amanhã perderá — para vencerem os outros. Isto, afinal, é tudo uma questão «desportiva»...

O Porto pede um jogo

Podia muito bem ser... Anunciam-se mais jogos internacionais. Vimos defendido, com muita oportunidade, o critério de provocar jogos entre a equipa B de Portugal e de outros países, principiando-se já por um encontro contra a França em Bordeus.

Se a ideia for levada por diante,

bro clubista. Merece bem os aplausos dos nortenhos.

♦ ANICETO BRUNO é outro exemplo. Ciclista que há muitos anos principiou a correr com a camisola do F. C. do Porto, só abandonou a colectividade quando o primeiro clube do Norte se desinteressou da velocipédia. Escolheu então o Belenenses — para regressar mais tarde.

Hoje, o simpático Aniceto Bruno continua no seu posto. E os nossos têm de haver-se ainda com ele!

como parece, poderá o Porto assistir a alguns destes encontros? Poderia a Federação escolher, mesmo, um domingo para dois jogos: — um em Lisboa e outro na capital do Norte. Não podendo ser melhor, ao menos um desafio entre as equipas secundárias, — desafio que não aborreceria com certeza os admiradores nortenhos do popular futebol.

As formações B, de Portugal, de França, de Espanha ou de outros países, proporcionariam belos jogos. É fora de dúvida. Deste modo, deverá pensar-se alguma coisa nos direitos do capital nortenho, a quem poucos jogos de categoria se oferecem.

Temos pedido para cá alguns desafios categorizados. Infelizmente, porém, não foi ainda possível ganhar a batalha. Mas o caso não serve para nos desanimar. Iremos lembrando.

É água mole em pedra dura...

ATLETISMO

ibérico

Falámos com alguns directores da Federação Portuguesa de Atletismo a propósito do encontro Portugal-Espanha, que os portuenses desejam ver na pista do Lima.

Um deles, Armando Sá, não se mostrou adversário da campanha, antes a julgou simpática e muito capaz de ser elandida pelos dirigentes.

Mes alguma coisa pode contrariar o desejo portuense, — segundo Armando Sá. Da receita, não tem medo o desportista lisboeta e conhecido técnico. Da despesa — isso sim. Pode ser a rubrica «despesa» o grão de areia que evite a jornada internacional de atletismo.

Explicou Armando Sá:

— O Porto dará 3 ou 4 seleccionados apenas. Lisboa, evidentemente, a grande maioria. Logo, teríamos de fazer deslocar de Lisboa para o Porto os atletas, que seriam alojados em hotéis. A despesa, portanto, aumentava terrivelmente, isto sem contar com as viagens de tanta gente, coisa que já não acontece em Lisboa.

— Talvez aproveitando o campeonato nacional...

— Sim, no domingo anterior. O que se pouparia com as viagens gastava-se inevitavelmente com a acomodação, além de sermos obrigados a consentir certa liberdade. A maioria estava fora do seu ambiente, e isso convidava sempre a distrações.

— Então, causa perdida?

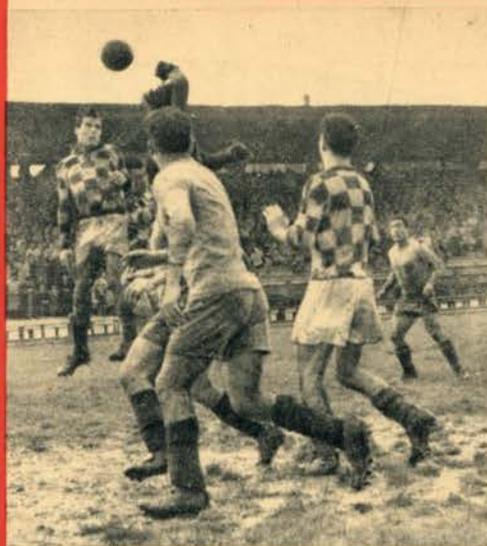
— Eu vejo o caso deste menelra. Devo dizer-lhe que acho simpático o desejo dos portuenses, e não me oponho se a organização puder defender-se. O Porto está a trabalhar de modo bem interessante, já se esforçou muitíssimo no passado, e oferecer-lhe um Portugal-Espanha em atletismo será convide para novos cometimentos da sua parte.

Assim se pronunciou Armando Sá, no decurso de curta palestra sem jelltos de entrevista. A interrogação continua, mas talvez já possa ver-se alguma coisa mais a distância. Se o Porto lisses possibilidades para eliminar a despesa que o dirigente lisboeta supõe incompatível — teríamos aqui no Lima o Portugal-Espanha. Sucedendo o contrário, mais uma vez vencerá Lisboa, para onde o encontro foi marcado, nos seguintes datas: 6 e 7 de Setembro.

Portuenses:

assinem a STADIUM

O empate BOAVISTA - ESTORIL



Um ataque do Estoril, que o guarda-rede do Boavista defende



Alberto antecipa-se a um avançado portuense



Outra excelente antecipação de Alberto

A ACADÉMICA VENCE EM COIMBRA



Um bom mergulho de Barbosa, aos pés de Bentes



Entre os avançados de Coimbra e a defesa aveirense luta-se com energia



Boa defesa de Barbosa, do S. Joanense, contra os estudantes



O conjunto de juniores da Académica, vencedor do campeonato de Coimbra



A equipa do União, da mesma cidade, bruto finalista



Sporting-Benfica em juniores

Uma fase do jogo entre os dois rivais. Triunfou o Sporting, mas os encarnados bateram-se bem